

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2009

HIGINO, UM MITÓGRAFO LATINO EM TRADUÇÃO VII. PENTEU E AGAVE

No seguimento das tarefas empreendidas pelo grupo que tem a seu cargo a tradução completa das *Fabulae* de Higino, neste número do *Boletim de Estudos Clássicos* optámos por apresentar e explorar – mitológica e gramaticalmente – a fábula 184, referente ao mito de Penteu e Agave, um dos mais conhecidos mitos trágicos que nos legou a literatura grega, sobretudo desde a cristalização que dele fez Eurípides.

PENTHEVS ET AGAVE

(1) Pentheus Echionis et Agaues filius Liberum negavit deum esse nec mysteria eius accipere uoluit. Ob hoc eum Agaue mater cum sororibus Ino et Autonoe per insaniam a Libero obiectam membratim lanauit. (2) Agaue ut suae mentis compos facta est et uidit se Liberi impulsu tantum scelus admisisse, profugit ab Thebis atque errabunda in Illyriae fines deuenit ad Lycothersen regem, quam Lycotherses excepit.

PENTEU E AGAVE

(1) Penteu, filho de Equíon e Agave, negou que Liber era um deus e não quis aceitar os seus mistérios. Por esse motivo a mãe Agave, juntamente com as irmãs Ino e Autónoe, despedaçaram os seus membros, possuídas por uma loucura provocada por Liber. (2) Agave, assim que recuperou a consciência e percebeu quão grande crime havia cometido, inspirada por Liber, fugiu de Tebas e, errante, chegou aos confins da Ilíria, junto do rei Licoterses, e Licorteses acolheu-a.

Higino e a tradição mitológica

O argumento parece perfeitamente coincidente com o das *Bacantes* de Eurípides, estreadas pouco depois de 406 a.C., sob a direcção do filho do dramaturgo, peça que obteve, postumamente, o primeiro prémio.

Como explica Aristófanes de Bizâncio, no argumento da tragédia que dele conservamos, o mito tinha já sido tratado por Ésquilo no *Penteu* (fr. 183 Radt), tragediógrafo que havia também composto uma trilogia intitulada

Licurgeia, onde o monarca trácio Licurgo sofrera consequência semelhante por não aceitar o culto do deus no seu país. Além disso, temos notícia de que, em 415, Xénocles granjeou o primeiro prémio com umas *Bacantes*, no mesmo ano em que *As Troianas* de Eurípides não foram além do segundo lugar.

Se Heródoto (2. 49) considerava que esse culto era relativamente recente na Hélade, os Poemas Homéricos (*Ilíada* 6. 130-140, 14. 325; *Odisseia* 11. 325, 24. 74) atestam que o destino de Licurgo seria já conhecido. No entanto, como refere M. H. Rocha Pereira, na sua introdução à tradução da tragédia¹, o nome do deus surge já em tabuinhas do Linear B e escavações na ilha de Ceos parecem provar a prática do culto dionisíaco pelo menos desde o século XV a.C. Ovídio dedicou um largo espaço a este mito (*Metamorfoses* 3. 511-733), e também Apolodoro (3. 5. 2), Diodoro Sículo (3. 65. 3-4) e Pausânias (2. 2. 7) se lhe referem, textos que Higino poderia de facto conhecer.

Tópicos de exploração didáctica

Sintaxe

- (1) Oração infinitiva: ... *Liberum negavit deum esse / uident se Liberi impulsu tantum scelus admisisse.*
- (2) Conjugação e sintaxe de *uolo, nolo, malo*.
- (3) Complemento circunstancial de causa: *ob hoc*.
- (4) Complemento circunstancial de companhia: *cum sororibus Ino et Autonoe*.
- (5) Oração temporal (*ut* + indicativo): *ut suae mentis compos facta est*.
- (6) Complemento circunstancial de lugar ‘de onde’ (*ab Thebis*) e ‘para onde’ (*in Illyriae fines*).

Morfologia

- (1) Substantivos de tema em *-u*: declinação de *Pentheus*.
- (2) Declinação grega: *Agauē, Licorthises*.
- (3) Pronome relativo *qui, quae, quod*: sua flexão e uso.
- (4) Conjugação verbal: *admitto, profugo, excapio*.

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

¹ Eurípides. *As Bacantes*, Lisboa, Edições 70, 1998.